



CENTRO ACADÊMICO UNIVERSITÁRIO – UNIFTC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIOMEDICINA E ENFERMAGEM

DANIELE COSTA SILVA
SAMARA TEIXEIRA PASSOS

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: PERCEPÇÃO E
INTERPRETAÇÃO DE ADOLESCENTES E PAIS - UMA REVISÃO
INTEGRATIVA

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2023

DANIELE COSTA SILVA
SAMARA TEIXEIRA PASSOS

**EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: PERCEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE
ADOLESCENTES E PAIS - UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Biomedicina e Enfermagem, da UNIFTC, como requisito
parcial á obtenção do título de Biomédico e Enfermeiro.

Orientador (a) Jéssica Meira Mendes

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2023

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: PERCEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE ADOLESCENTES E PAIS - UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Maria Silva Santos¹

Samara Teixeira Passos²

RESUMO

A vivência escolar permeia a vida dos jovens por quase todo seu crescimento. São anos compartilhando experiências diariamente com colegas e amigos da faixa etária, aprendendo, conhecendo e descobrindo. A puberdade, o desenvolvimento sexual e as descobertas da sexualidade são experiências naturais do ser humano, e que devem ser guiadas e dialogadas de forma honesta e verdadeira, garantindo aos jovens o conhecimento pleno de suas potenciais, perigos e possibilidades. Assim, esse trabalho objetiva delimitar uma revisão integrativa acerca das possibilidades da Educação Sexual escolar, sobretudo na interpretação e papel dos pais e responsáveis, bem como o posicionamento dos jovens frente a essa temática quando abordada em sala de aula. Trata-se de uma revisão de literatura, na qual foi realizada uma busca ativa no período de Fevereiro a Maio de 2023, na base GOOGLE Acadêmico, PubMed e Scielo, utilizando os seguintes descritores na língua portuguesa: educação sexual, ensino de sexualidade e sexualidade na adolescência. Os critérios de inclusão e exclusão pautaram-se na questão norteadora, sendo escolhidos artigos que abordassem diretamente a temática na ótica brasileira. Após avaliação criteriosa, foram selecionados 24 artigos que compuseram a bibliografia de base para este estudo. Foi possível concluir que os alunos são interessados no assunto, bem como, os educadores, que gostariam de ter melhor espaço e preparo para tratar sobre o tema. Já os pais são um ponto de resistência muitas vezes, o que revela necessidade de maior diálogo entre o corpo docente e responsáveis sobre a abordagem do ensino de educação sexual nas escolas brasileiras.

Palavras-chave: educação sexual, ensino de sexualidade, pedagogia e sexualidade.

1 Discente do curso de enfermagem do centro universitário UniFTC de vitória da Conquista (UniFTC/VIC), e-mail: danielcosta688@gmail.com

2 Discente do curso de biomedicina do centro universitário UniFTC de vitória da Conquista (UniFTC/VIC), e-mail: sannaysa@gmail.com

3 Professora orientadora do Centro Universitário UniFTC de Vitória da Conquista (UniFTC/VIC), Mestre em Ciências da Saúde (UESB), e-mail: imendes.vic@ftc.edu.br

SEX EDUCATION IN SCHOOLS: PERCEPTION AND INTERPRETATION OF ADOLESCENTS AND PARENTS - AN INTEGRATIVE REVIEW

ABSTRACT

The school experience permeates the lives of young people for almost all of their growth. It's been years sharing experiences daily with colleagues and friends of the age group, learning, knowing and discovering. Puberty, sexual development and the discoveries of sexuality are natural experiences of human beings, which must be guided and discussed in an honest and truthful way, guaranteeing young people full knowledge of their potentials, dangers and possibilities. Thus, this work aims to delimit an integrative review about the possibilities of Sexual Education at school, especially in the interpretation and role of parents and guardians, as well as the position of young people regarding this theme when approached in the classroom. This is a literature review, in which an active search was carried out from February to May 2023, in the GOOGLE Academic database, PubMed and Scielo, using the following descriptors in Portuguese: sex education, sexuality teaching and sexuality in adolescence. The inclusion and exclusion criteria were based on the guiding question, and articles were chosen that directly addressed the theme from the Brazilian perspective. After careful evaluation, 24 articles were selected that made up the base bibliography for this study. It was possible to conclude that students are interested in the subject, as well as educators, who would like to have better space and preparation to deal with the subject. Parents, on the other hand, are often a point of resistance, which reveals the need for greater dialogue between the faculty and those responsible for the approach to teaching sex education in Brazilian schools.

Keywords: sex education, sexuality teaching, pedagogy and sexuality.

INTRODUÇÃO

Sexualidade refere-se aos aspectos biológicos, psicológicos, sociais e emocionais que envolvem a atração sexual, o comportamento sexual, a identidade de gênero, o papel de gênero e as relações sexuais. É uma parte fundamental da identidade de uma pessoa e influencia sua maneira de sentir, expressar e viver a sua sexualidade (MAIA, 2014).

Esta temática abrange diversas dimensões da experiência de ser humano, e varia completamente de pessoa para pessoa. Ela envolve a atração sexual e identidade de gênero, perpassando diretamente as questões relacionadas aos direitos e deveres de gênero em nosso país (FERREIRA, 2020).

A educação sexual está intimamente relacionada ao direito que toda pessoa tem à saúde, educação e informação. É desta forma que ela se constitui como uma questão de saúde pública e ensino básico, uma vez que age diretamente sobre as capacidades, escolhas e estado dos cidadãos (FIGUEIRÓ, 2020).

A família influencia de forma determinante nos papéis sexuais dos filhos, pois nossa sociedade, ainda demarca esses papéis de forma rígida e estereotipada. Ainda existe um tabu que pesa sobre a iniciativa sexual das mulheres, por exemplo, tem muita associação com o papel de subordinação que a sociedade estabelece para a mulher. O preparo para o exercício da sexualidade começa na infância e que este depende, largamente, do envolvimento dos pais (FRADE et al., 2017).

Embora não exista uma legislação específica sobre educação sexual, a legislação brasileira aborda a educação sexual nas escolas de forma a promover uma abordagem abrangente e inclusiva. Existem diretrizes e documentos que orientam as práticas educacionais nessa área, tal como o artigo 26 da LDB (Lei nº 9.394/1996), onde é destacada a importância da orientação sexual ser abordada de forma integrada ao Projeto Pedagógico das escolas (COSTA, 2019).

Foi neste mesmo intuito que surgiu no Brasil, em virtude do momento em que se reconhece a Educação Sexual como vertente do processo universal da educação, uma legislação implementada pelo Ministério da Educação (Decreto-lei nº 60/2009), na qual se estabelece a obrigatoriedade da aplicação da educação sexual em todos os estabelecimentos de ensino.

No Brasil, o cenário em relação à sexualidade precoce e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) é complexo e desafiador. É necessário direcionar intervenções educacionais para melhorar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, especialmente nas áreas identificadas como tendo menor conhecimento (SILVA et al., 2020).

Existem diversos entraves relacionados à garantia plena de uma política pública contra a disseminação de infecções sexualmente transmissíveis no país. Neste contexto, a falta de informação adequada sobre sexualidade, métodos contraceptivos e prevenção de ISTs são problemas significativos. Muitos jovens têm lacunas no conhecimento sobre práticas seguras e correm maior risco de contrair ISTs (FURTADO, 2020).

Assim, a educação sexual nas escolas é essencial para capacitar os jovens a tomar decisões informadas e responsáveis sobre sua sexualidade, promover relacionamentos saudáveis e seguros, e combater o estigma e a discriminação. Ao investir na educação sexual abrangente, as escolas desempenham um papel fundamental na promoção da saúde e do bem-estar dos jovens, preparando-os para uma vida adulta saudável, informada e autônoma (ALMEIDA et al., 2011).

Frente a este cenário, surgiu o seguinte questionamento: como é a percepção e interpretação dos adolescentes e seus familiares sobre a discussão da educação sexual nas escolas brasileiras? Dessa forma, o presente artigo intenta-se em evidenciar e discorrer sobre percepção e interpretação dos adolescentes e pais sobre a discussão da educação sexual nas escolas, retratando o estado atual das legislações, entendimentos das organizações docentes e estado, frente ao importante valor de tratar sobre as questões sexuais no ambiente de ensino.

METODOLOGIA

A revisão integrativa de literatura é um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto/problema, constituindo, assim, um corpo de conhecimento. Deste modo, o revisor/pesquisador pode elaborar uma revisão integrativa com diferentes finalidades, podendo ser direcionada para a

definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular (ROTHER ET, 2007).

Foram colhidos artigos originais na base de dados Google Acadêmico, PubMed e Scielo. A estratégia de busca dos artigos foi baseada em descritores na língua portuguesa, com os termos: educação sexual, ensino de sexualidade e sexualidade na adolescência e foi realizada no período de Fevereiro a Maio de 2023. Foi também aplicada uma janela temporal de 15 anos para a colheita de trabalhos.

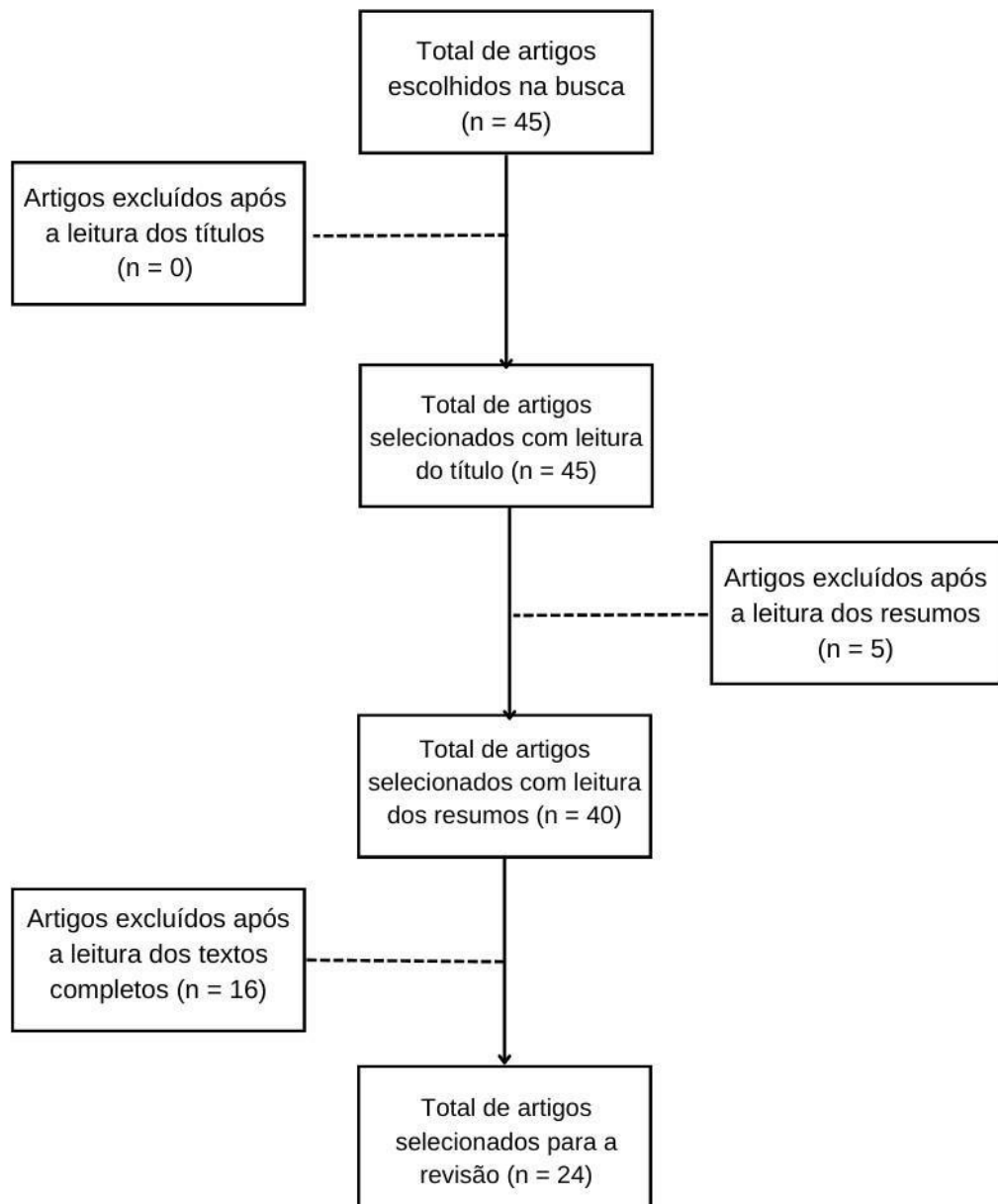
Ademais, documentos extras foram necessários para a construção do presente trabalho. Através da busca ativa nos portais oficiais do Governo do Estado Brasileiro, os arquivos referentes às Leis que permeiam a Base Nacional Comum Curricular foram também utilizados nesta revisão.

Durante as etapas de busca, em paralelo, realizou-se a análise dos títulos, em seguida a leitura dos resumos, para depois selecionar os artigos completos a serem incluídos na revisão, tendo em vista a prerrogativa da pergunta norteadora. Os manuscritos que não se enquadram nos critérios pré-estabelecidos foram excluídos

RESULTADO E DISCUSSÃO

As buscas foram realizadas no portal Google Acadêmico, e através dos diversos artigos encontrados foi realizada a seleção de trabalhos para a formulação da base bibliográfica que compõem as referências aqui usadas. Assim, 45 foram inicialmente selecionados para a composição da base bibliográfica, dos quais 21 foram descartados, 5 após leitura do resumo, e 16 após leitura do texto completo. Assim, 24 artigos foram selecionados para a formulação da base bibliográfica deste trabalho (Figura 01). No mais, 3 livros também compuseram a base bibliográfica deste trabalho, também colhidos através da base escolhida.

Figura 01: Fluxograma da busca e seleção de artigos.



Fonte: elaborado pela autora.

Gonçalves, Faleiro & Malafaia (2013) apontam que a educação sexual no Brasil tem sido focada apenas nos aspectos biológicos e reprodutivos da sexualidade, deixando de lado discussões que retratem sobre o papel social do sexo, o prazer, sentimentos e emoções. Essa negligência dos demais aspectos que permeiam a sexualidade humana é algo danoso, e os autores acreditam que a carência de profundidade precisa ser combatida no ambiente escolar.

Barbosa et al. (2019) destacam a relação entre o baixo nível de informação e a suscetibilidade a contrair ISTs. O baixo conhecimento de populações jovens que não tiveram um bom ensino sobre os métodos contraceptivos e métodos de prevenção contra as infecções sexualmente transmissíveis é um fator de risco que eleva muito o risco de práticas sexuais de risco, atividade sexual precoce e multiplicidade de parceiros.

Santos et al. (2019) relataram a experiência em uma escola que fazia parte da região de abrangência da USF onde eles acompanharam. Os autores perceberam uma importante falha no entendimento dos adolescentes do colégio em relação a certos pontos na prevenção de ISTs e em relação à prática sexual segura. Outro ponto preocupante foi quanto às questões de sexualidade e preconceitos e estigmas contra a comunidade LGBTQIA+.

Ao analisar a temática através da ótica dos professores, Barbosa (2019) constatou que o tema da educação sexual é muito atraente para os estudantes, e seu interesse pelo assunto surge da curiosidade e das dúvidas, o que facilita o ensino e propicia um ambiente mais fértil e sem tabus para a propagação do conhecimento. No entanto, os pais são identificados pelos professores como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual nas escolas, bem como a falta de preparo dos professores. Eles relataram ter resistência por tabus e preceitos dos responsáveis, o que dificulta o desenvolver de certas atividades e discussões.

Moreira (2015) compartilha desta posição, e soma ao afirmar que o trabalho de educação sexual no ambiente escolar precisa ser de abordagem interdisciplinar, de forma que abranja de forma mais plena as multifacetadas que esta temática apresenta. A autora ainda reforça a importância do envolvimento dos pais e responsáveis no processo, que deveriam ser encorajados a engajar nas reuniões, e possibilitarem o diálogo sobre os temas desenvolvidos em sala, mas no ambiente de casa.

Zocca et al. (2015) acompanharam alunos de uma instituição pública, e relataram um interesse evidente pelos jovens de terem discussões mais abrangentes sobre sexualidade na escola. As meninas foram as que mais demonstraram interesse na discussão, demonstrando curiosidade em entender especialmente sobre a relação do amor e a sexualidade. Já os meninos demonstraram maior interesse em entender sobre as ISTs, dentro das temáticas

mencionadas no questionário. Um ponto de discordância entre os alunos, entretanto, foi o quão confortáveis estavam em conversar sobre sexualidade com os professores. Enquanto as alunas apontaram o corpo discente como o grupo o qual elas estariam mais à vontade para tal discussão, os alunos responderam ao questionário em maioria que se sentiam nada à vontade. Assim, é interessante observar também o papel do gênero dos alunos no processo do aprendizado, e do espaço para o diálogo.

Ao analisar as possibilidades de aplicação da educação sexual em sala de aula, Satradiotti et al. (2015) relataram melhores resultados quando os aplicantes realizaram atividades mais práticas, voltadas para a realidade cotidiana que os adolescentes poderiam se deparar quanto à sexualidade. Os autores destacaram que apenas disponibilização de palestras é um método pouco efetivo para obtenção e aumento do conhecimento dos jovens acerca das questões da temática, incentivando que o sistema de ensino ao adotar a Educação Sexual o faça com abordagem mais integrativa e envolvente, garantindo maior comprometimento dos alunos às dinâmicas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) define a sexualidade como "uma energia que nos motiva a buscar amor, contato, ternura, intimidade, e que se integra ao modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados". A OMS enfatiza que a sexualidade é uma parte central do ser humano, presente em todas as fases da vida, desde o nascimento até a velhice.

Em linha próxima, a Psicologia define a sexualidade como um aspecto multifacetado que envolve a atração sexual, as fantasias, a identidade de gênero, as relações afetivas e os comportamentos sexuais (GESSER, 2012).

O envolvimento inicial do ser humano com a sexualidade começa desde o nascimento. Durante a primeira infância, as crianças começam a explorar seu próprio corpo e descobrir sensações prazerosas. Essa fase é considerada normal e faz parte do desenvolvimento saudável. Os bebês podem experimentar sensações de prazer ao tocar partes do corpo, como os genitais, sem que isso tenha conotação sexual adulta. Essa exploração faz parte da descoberta corporal e do desenvolvimento sensorial. Conforme as crianças crescem, elas começam a adquirir informações sobre a sexualidade através de interações com a família, amigos, escola e mídia (SARAT, 2014).

Durante a puberdade, ocorrem mudanças significativas no corpo e na mente dos adolescentes, com o desenvolvimento de características sexuais secundárias, como o crescimento dos seios nas meninas e o crescimento de pelos faciais nos meninos, bem como, o despertar do interesse sexual e o surgimento da atração romântica. É nesse período que muitas pessoas começam a explorar relacionamentos afetivos e a ter experiências sexuais, sendo a faixa etária mais relacionada ao descobrimento pessoal de seus gostos e interesses (RICATO, 2016).

Neste sentido, Furlani (2017) aponta como o contato escolar e com pessoas da mesma idade desempenha um papel significativo no desenvolvimento e descoberta sexual dos adolescentes. A interação com colegas da mesma faixa etária na escola proporciona aos adolescentes um espaço onde podem compartilhar experiências, interesses e preocupações comuns. Essas interações ajudam a moldar a identidade individual e a compreensão de si mesmos como seres sexuais. Os adolescentes podem explorar e discutir questões relacionadas à sexualidade, orientação sexual, papéis de gênero, namoro e relacionamentos românticos com seus pares, o que contribui para o seu desenvolvimento emocional e social.

Em contraponto, é importante ressaltar que o contato escolar também pode gerar desafios. Aires (2021) destaca que os adolescentes podem sentir-se pressionados a se adequarem a normas de comportamento ou expectativas sociais em relação à aparência, atração e intimidade. É através da troca de experiências e o crescimento à vida adulta que os jovens entendem melhor os papéis e expectativas da sociedade quanto às questões de sexualidade e gênero, e isto pode gerar conflitos internos quando não bem abordado. Podem ocorrer situações de bullying, discriminação ou exclusão com base na orientação sexual, identidade de gênero ou expressão de gênero, o que pode afetar negativamente o desenvolvimento e a autoestima dos adolescentes.

É neste momento que a educação sexual se torna de grande valia, sendo de extrema importância que as escolas adotem uma abordagem inclusiva e respeitosa em relação à sexualidade, garantindo um ambiente seguro e acolhedor para todos os alunos. Isso inclui promover a diversidade, combater o preconceito e oferecer suporte emocional aos estudantes, além de proporcionar um ambiente seguro para o diálogo e tirar as dúvidas quanto às questões que envolvem essa temática (FURLANETTO et al., 2018).

Outra questão que perpassa diretamente na importância da educação sexual para os jovens brasileiros é a problemática das infecções sexualmente transmissíveis. O panorama atual de ISTs em adolescentes no Brasil apresenta algumas preocupações. Segundo dados do Ministério da Saúde, em 2019, foram notificados mais de 280 mil casos de sífilis adquirida em todo o país, sendo que cerca de 21% desses casos ocorreram em jovens de 15 a 24 anos. Além disso, foram notificados aproximadamente 50 mil casos de gonorreia, com 23% dos casos ocorrendo nessa faixa etária. Moraes (2018) destaca fortemente como esta população está particularmente vulnerável às ISTs devido a uma combinação de fatores, como a iniciação sexual precoce, falta de informações adequadas sobre saúde sexual e reprodutiva, falta de acesso a serviços de saúde, barreiras culturais e sociais.

Maia et al. (2016) revelam como a educação sexual desempenha um papel crucial na redução de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis entre os jovens. Ao fornecer informações abrangentes, precisas e baseadas em evidências, a educação sexual capacita os adolescentes a tomar decisões informadas e a adotar comportamentos saudáveis em relação à sua saúde sexual. O ambiente escolar pode servir de propagador de informações relacionadas à prevenção de ISTs, sexo seguro, importância do consentimento, habilidades de comunicação e imposição de limites pelos jovens.

Entretanto, é importante ressaltar que o primeiro ambiente onde esta discussão deve existir é em casa. Conforme Araújo (2015), os pais e responsáveis têm um papel fundamental na educação sexual dos jovens. Eles devem estar dispostos a ter um diálogo franco, com possibilidade de comunicação aberta sobre os valores da família, como ter um comportamento saudável e bom com sua sexualidade. Eles também serão grande apoio de suporte emocional ao jovem, o que enquadra o ambiente familiar como de extrema importância para o amadurecimento sexual do adolescente.

Somando, Figueiró (2020) destaca que a educação sexual é um processo contínuo e progressivo. Os pais devem adaptar sua abordagem à medida que seus filhos crescem e se desenvolvem, garantindo que as informações fornecidas sejam adequadas à idade e ao nível de compreensão dos jovens, comprometendo-se a acompanhar o ensino escolar, o que alinha os conhecimentos e reforçar as boas práticas em relação a uma sexualidade sadia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos estudos aqui citados, é evidente a importância da abordagem de questões voltadas à sexualidade nas escolas brasileiras. O ensino desta temática é uma ferramenta emancipatória para os jovens, garantindo maior autonomia sobre suas vontades, desejos, e como alinhá-los a uma vida saudável e segura. Na prevenção contra as ISTs é indispensável a conversa com os maiores interessados: a população jovem.

Garantir que eles entendam dos métodos contraceptivos, da importância do consentimento e imposição de limites, além de discutir temáticas relacionadas a questões de gênero e pluralidade sexual, a fim de reduzir os preconceitos; são temas indispensáveis quando se pensa em incluir o ensino sexual no currículo escolar.

Dentre as limitações para uma educação plena em sexualidade e gênero, os pais e responsáveis se mostram como um entrave, muitas vezes. Por desconhecimento, tabus ou preconceitos, muitos se opõem à adoção de aulas de educação sexual para os seus filhos. Neste contexto, é necessário melhor diálogo entre os docentes e corpo de pais e responsáveis sobre qual o real intuito de realizar o ensino destas questões em sala, tornando-os aliados neste processo.

Em suma, reforça-se aqui o enorme valor de reforçar o ensino de questões que permeiam a vivência humana no cotidiano escolar. O ambiente acadêmico se constitui de um local para o compartilhamento dos conhecimentos científicos, sociais e humanos, e para a sua plenitude, é de direito dos jovens ter contato com discussões e diálogos enquadrados na Educação Sexual.

Para sanar tal questão é importante a conscientização de todos os envolvidos no processo de ensino e educação dos jovens. O Ministério da Educação, Escolas e Secretarias de Educação devem unir forças, acolhendo os que representam o maior entrave nesta questão: os pais, possibilitando um diálogo honesto e claro sobre a real função e aplicação da educação sexual em sala de aula. Ademais, urge a capacitação dos professores, para que estes possam abordar a temática de forma objetiva no ambiente de ensino.

REFERÊNCIAS

AIRES, D. C. Educação sexual: um direito humano. Leis vigentes na Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. **Revista de la Facultad de Derecho**, v. 50, 2021.

ALMEIDA S. A. et al. Orientação Sexual nas Escolas: fato ou anseio? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 1, p.107-113, 2011.

ARAÚJO, A. V. S. **O PAPEL DOS PAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES: uma revisão integrativa** 44f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Campina Grande - Centro de Educação e Saúde, Cuité. 2015.

BARBOSA, L. U. et al. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, 2019.

BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. F. FACILIDADES E DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 9, n. 19, p. 221-243, 2019.

Brasil, Leis, Decretos. Regime de Aplicação da Educação Sexual em Meio Escolar. Lei n. 60 de 6 de agosto de 2009. **Diário da República** [Internet]. 2009

COSTA, R. R.; SILVA, A. M. Abordagens de gênero e sexualidade. **Revista Retratos da Escola**, v. 13, n. 26, p. 499-512, 2010.

FERREIRA, R. G. G. **DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: SOBRE SILÊNCIOS E PRECONCEITOS** 250f. (Tese de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2020.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no dia a dia**. EDUEL, 2 ed, 144p, 2020.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. EDUEL, São Paulo. 3 ed. 156p. 2020.

FRADE, A., Marques, A. M., Alverca, C., & Vilar, D. **Educação sexual na escola: Guia para professores, formadores e educadores**. Lisboa 8 ed. 2017.

FURLANETTO, M. F. et al. EDUCAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS BRASILEIRAS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48 n. 168 p. 550-571, 2018

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** **Autêntica**, 1ed, 192p, 2017.

FURTADO, B. M.; MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. S. AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES NA PRÉ-PUBERDADE. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 31, n. 1, p. 10-18, 2020.

GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; CORD, D.; NUERNBERG, A. H. Psicologia Escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 2, p. 229-236, 2012.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO FAMILIAR E ESCOLAR: IMPASSES E DESAFIOS. **Holos**, v. 5, p.251-263, 2013.

LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL

Lei n.º 60/2009, de de 6 de Agosto. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar, Brasília, MEC, 2009, BRASIL.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e Educação Sexual.** Acervo Digital Unesp, São Paulo. 2014

MAIA, T. Q. et al. EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES: EXPERIÊNCIAS DE GRADUANDAS. **Revista de Extensão do IFAM**, v. 2, n. 2, p. 71-78, 2016.

MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. S.; VITALLE, M. S. S. Educação Escolar, Sexualidade e Adolescência: uma Revisão Sistemática. **J Health Sci**, v. 20, n. 3, p. 221-230, 2018.

MOREIRA, B. L. R.; FOLMER, V. PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 10, n. 3, p. 18-31, 2015.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Saúde Sexual, Direitos Humanos e a Lei**, 2015.

RICATTO, E. **SEXUALIDADE NA PUBERDADE - PERÍODO DE MUDANÇAS NO CORPO DOS MENINOS**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do Professor PDE - Produções Didático-Pedagógicas, Formosa Oeste, 2016.

SANTOS, A. C. D. et al. Relato de Experiência: Construção e Desenvolvimento do Programa de Saúde na Escola (PSE) sob a Perspectiva da Sexualidade na Adolescência. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 4, p. 193-199, 2019.

SARAT, M.; CAMPOS, M. I. Gênero, sexualidade e infância: (con)formando meninas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 45-56, 2014.

SILVA, S. M. D. T. et al. Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. **Acta Paul Enferm**, v. 33, p 1-7, 2020.

STRADIOTTI, K. M. et al. Percepção de Estudantes do Ensino Médio Quanto a Palestras Sobre Educação Sexual em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 16, n. 6, p. 423–427, 2016.

ZOCCA, A. R. et al. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1463-1476, 2015.